
**Achegas ao fenômeno do empréstimo linguístico: redefinindo os termos
*empréstimo e estrangeirismo*¹**

Fernando Moreno da Silva²

Resumo: O empréstimo linguístico é um processo que consiste na adoção de uma língua de unidade, sentido ou construção (morfema, unidade lexical, construção sintática, conceito, etc.) proveniente de outro idioma. Nesse fenômeno, porém, há vários conceitos e denominações. Para designar a palavra importada, por exemplo, empregam-se vários termos (empréstimo, estrangeirismo, exotismo, peregrinismo, xenismo, alógeno, alienígena, barbarismo, palavra estrangeira, etc.), estando o conflito maior no par empréstimo-estrangeirismo. Por conta disso, o objetivo do artigo é descrever as variações denominativa e conceitual dos termos “empréstimo” e “estrangeirismo”. O método utilizado para alcançar o objetivo é o bibliográfico-comparativo, a partir da consulta a dicionários gerais e especializados e aos estudiosos da área. Além disso, revisitando o conceito de “adaptação”, para mostrar que o primeiro nível de adaptação de formas estrangeiras é o fonético-fonológico, propõe-se, em substituição ao par estrangeirismo-empréstimo, os termos “empréstimo não adaptado graficamente” (*e-mail, shopping*) e “empréstimo adaptado graficamente” (*estresse, becape*). Finalmente, a partir dos termos propostos, serão listados cinco tipos de importação lexical: empréstimo não adaptado graficamente, empréstimo adaptado graficamente, empréstimo traduzido, empréstimo semiadaptado graficamente e empréstimo de sentido.

Palavras-chave: léxico; empréstimo linguístico; estrangeirismo.

**CONTRIBUTIONS FOR THE BORROWING: REDEFINING LOAN AND
FOREIGN TERM**

Abstract: The borrowing is a process that consists of the adoption of a linguistic phenomenon (morpheme, lexical unit, syntactic construction, concept etc.) from another language. In this phenomenon, there are several concepts and denominations. To designate the loan-word, for example, there are several terms (loan, foreign, exoticism, xenism, barbarism, foreign word, etc.), with conflict mainly in the pair “foreign term-loan”. Because of this, our objective, using the bibliographic method (consulting dictionaries and various authors), is to describe the denominational and conceptual variations of the terms "loan" and "foreign term". In addition, revisiting the concept of “adaptation”, to show that the first level of adaptation in foreign forms is phonetic-phonological, we propose, in substitution to the pair foreign term-loan, the terms “non-adapted loan graphically” (*e-mail, shopping*) and “adapted loan graphically” (*estresse,*

¹ Este texto apresenta parte de pesquisa de pós-doutorado realizada junto ao PPG-Letras da UFRGS e financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) por meio da bolsa de Pós-Doutorado Sênior (Processo 102106/2019-3).

² Bacharelado em Jornalismo/2002 (UNESP/Bauru), Mestrado/2006, Doutorado/2009 e Pós-Doutorado (Bolsa FAPESP/2012) em Linguística (UNESP/Araraquara/Capes 6). É professor adjunto da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP/Campus Jacarezinho), no curso de Letras e no Mestrado Profissional em Letras. É editor da Revista Claraboia (ISSN 2357-9234) e líder do GruPEL-UENP (Grupo Paranaense de Estudos do Léxico). Área de interesse: estudos do léxico. ORCID 0000-0002-9273-9667.

becape). Finally, we will list five types of borrowing: non-adapted loan graphically, adapted loan graphically, translated loan, semi-adapted loan graphically and meaning loan.

Keywords: lexicon; borrowing; foreign term.

Introdução

Num mundo globalizado, as relações internacionais se tornam costumeiras, necessárias e visíveis em todos os setores: na moda, no comércio, na cultura, no esporte, na língua. A roupa do ator americano se torna moda nas ruas; uma joia presenteada na monarquia britânica se esgota nas lojas; cantamos a música internacional sem saber o que significa. Em todas essas ações houve um empréstimo. Na língua, não é diferente: emprestamos palavras, expressões e construções linguísticas.

Segundo o dicionário, “empréstimo” é o ato de emprestar, que, segundo Houaiss (2009, s.v. *emprestar*), na sua primeira acepção, é: “pôr à disposição; ceder temporariamente.”. Curiosa essa definição, já que retrata exatamente o que ocorre com as unidades do léxico no seio da sociedade. Vez por outra, uma língua estrangeira nos empresta uma palavra (“pôr à disposição”), como em “chofer” (do fr. *chauffeur*) e *coffee break*; ou, de quando em quando, nós emprestamos, mas devolvemos ao esquecimento (“ceder temporariamente”), como *match*³ (partida, jogo) ou “beque” (do ingl. *back*) do futebol. O jogo *football* existia na Inglaterra. Com a introdução do esporte no Brasil, veio sua terminologia, de modo que alguns estrangeirismos foram adotados e adaptados: futebol, gol, pênalti. Outros, apesar de inicialmente usados, foram posteriormente rejeitados, como observa Valadares (2013, p. 10): *goal-keeper* (goleiro), *center-forward* (ponteiro), *back* (zagueiro).

Em termos linguísticos, trata-se do processo denominado “empréstimo linguístico”, que consiste na adoção de determinada língua de fenômeno linguístico proveniente de outra língua. No universo da informática, por exemplo, o português adota do inglês *mouse* e *download*.

No entanto, em torno de “empréstimo”, há vários conceitos e denominações. Para nomear a palavra importada de outro idioma, por exemplo, há várias designações

³ Embora “match”, isoladamente, tenha caído em desuso, a expressão “match point” é muito usada no tênis e no vôlei.

(empréstimo, estrangeirismo, exotismo, peregrinismo, xenismo, alógeno, alienígena, barbarismo, palavra estrangeira), estando o conflito maior nos termos “empréstimo” e “estrangeirismo”.

Por conta disso, nosso objetivo é descrever as variações denominativa e conceitual dos termos, sobretudo de “empréstimo” e “estrangeirismo”, com exemplos que privilegiam a variante do português brasileiro. O método utilizado para alcançar nosso objetivo é o bibliográfico-comparativo, a partir da consulta a dicionários gerais e especializados e aos estudiosos da área, como Barbosa (2001), Carvalho (2009), Guilbert (1975), entre outros.

Além disso, revisitando o conceito de “adaptação” – para mostrar que o primeiro nível de adaptação de formas estrangeiras, ao contrário do que normalmente é considerado pelas gramáticas (apenas os aspectos gráfico e semântico), é o fonético-fonológico, sobretudo pelos processos de ressilabação (alteração da estrutura silábica) e hiperbibasmo (deslocamento do acento tônico) –, propomos, em substituição ao par estrangeirismo-empréstimo, os termos “empréstimo não adaptado graficamente” (*e-mail*, *shopping*) e “empréstimo adaptado graficamente” (*estresse*, *becape*). Finalmente, a partir dos termos propostos, elencaremos cinco tipos de empréstimo lexical.

1 Sobre o processo de empréstimo

Embora empreguemos genericamente o termo “empréstimo linguístico”, podemos especificá-lo. Num sentido lato, “empréstimo linguístico” se refere à importação de qualquer fenômeno linguístico: afixo, desinência, unidade lexical, expressão poliléxica, construção sintática, conceito, etc. Quando se refere a um aspecto específico, como unidade mono ou poliléxica (*backup*, *shopping*), falamos de empréstimo lexical ou vocabular. Quando relacionado a afixos (como os xenocostituintes *ciber-*, *-tube*, *e-*), empréstimo morfológico ou afixal. Quando referente à construção sintática (“Pereira Bar”, como a inversão do inglês), empréstimo sintático, etc.

Além desses diferentes tipos de empréstimo (lexical, afixal, estrutural, etc.), podemos também concebê-lo de duas maneiras: empréstimos interno e externo. O conceito mais difundido, que será explorado aqui neste texto, é o externo (entre línguas), mas há o interno, lembrado, como veremos mais à frente, por Câmara Júnior

(1996, p. 111). No empréstimo interno, há a apropriação de traços e unidades dentro da mesma língua, ocorrendo sobretudo em duas situações:

(i) empréstimo semântico: quando uma unidade recebe uma significação de outra unidade, provocando a polissemia (neologia semântica). Ex.: *abacaxi* (fruta) recebe a acepção de “problema” (“termos de resolver esse abacaxi”);

(ii) entre variantes (dialetos, socioletos, etoletos etc.). Neste último caso, podemos vislumbrar os processos que envolvem os tecnoletos, entre vocabulários: quando um termo da linguagem especializada passa a vocábulo da língua geral (vocabularização), da língua geral à linguagem especializada (terminologização), ou entre termos de áreas distintas (metaterminologização). Outro exemplo de empréstimo interno ocorre com as gírias, uma variante de um grupo social restrito que pode, em virtude da disseminação, sobretudo da mídia, alcançar grupos sociais diversos ou até se diluir na língua comum, como *legal* e *bacana*. Ou o contrário, da língua comum (*barbeiro* - nome de profissão) à gíria (*barbeiro* - motorista incompetente).

No empréstimo externo⁴, as origens são das mais variadas: africanismo (de línguas africanas), americanismo (de línguas americanas), anglicismo ou inglesismo (do inglês), angolismo ou angolanismo (das línguas de Angola), arabismo (do árabe), asiaticismo ou asiaticismo (das línguas asiáticas), hispanismo, castelhanismo ou espanholismo (do espanhol), galicismo ou francesismo (do francês), germanismo ou alemanismo (do alemão), grecismo ou helenismo (do grego), indigenismo (de línguas indígenas), italianismo (do italiano), japonismo (do japonês), latinismo (do latim), orientalismo (das línguas orientais), portuguesismo, lusismo ou lusitanismo (do português europeu), tupinismo (do tupi).

⁴ Cavalieri (2002, p. 278) critica a postura do VOLP de registrar formas estrangeiras, já que, não aportuguesadas e em discordância com a ortografia, não pertencendo, pois, oficialmente à língua portuguesa, é um disparate a inclusão num vocabulário que se intitula ortográfico. Questionado sobre quando o estrangeirismo deveria ser inserido no dicionário, Faraco (2011, p. 64) relata a imprevisibilidade dos rumos dele: pode ser em breve abandonado, ser nativizado de diversas formas, ser substituído por tradução, provocar a criação de uma nova palavra, etc. Diante dessas possibilidades, “é recomendável que não haja pressa na inserção de estrangeirismo em dicionários gerais da língua. Caberia inseri-los quando possam ser considerados empréstimos efetivos...” (p. 64).

Nos últimos anos, a língua portuguesa tem sofrido maior influência da língua inglesa, satirizada na música “Samba do *approach*”, de Zeca Baleiro. Leitão (2006), analisando essa influência nas versões eletrônicas dos dicionários Aurélio e Houaiss⁵, constatou que o Aurélio registrou 652 unidades e o Houaiss, 1072 unidades. Para Monteiro (2002, p. 197-8), a origem dos empréstimos não ocorre ao acaso, deriva maiormente da língua de prestígio. Rocha (2008, p. 70) ressalta que “na balança comercial do léxico as nações mais fortes são, via de regra, as que exportam mais palavras”. Isso se confirma na língua inglesa, sobretudo por conta da influência dos Estados Unidos no mundo: o inglês como língua franca; a supremacia da economia estadunidense; a imitação do estilo norte-americano; as inovações do mundo da informática, etc. Essa influência revela que, além de se constituir em uma das formas pelas quais o léxico se expande, os empréstimos linguísticos são também uma forma de intercâmbio cultural.

O anglicismo é mais comum nas áreas tecnológicas (*differential display*, *enhancer*, *imprinting*, *western blotting*⁶) e de informática (*zipado*, *atachar* (do *attach*=anexar), *logar*, *becapear*, *escanear*). No campo terminológico e na tradução, muitas vezes a recorrência à língua estrangeira é necessária, pois a palavra nativa pode não retratar com exatidão uma realidade ou um termo técnico-científico. Mas essa recorrência nem sempre é necessária. Em geral, o recurso à forma estrangeira ocorre na suposta tentativa de dar maior elegância, beleza ou até mesmo propriedade ao discurso, com a falsa ideia de que há superioridade dos Estados Unidos e da língua inglesa sobre nós. Massini-Cagliari (2006) mostra o curioso caso dos antropônimos (nomes próprios) de origem estrangeira adotados no Brasil: *Keirrison*, *Richarlyson*, *Gelson*, *Clerison*, *Jandison*, *Silgleison*, *Vander*, *Ilton*, *Deives*, *Maikon*.

2 Empréstimo e estrangeirismo

Até o momento, vimos “empréstimo” como o processo de importar palavras ou fenômenos linguísticos de outra língua. Mas o termo também pode significar a unidade

⁵ O *Dicionário Aurélio Eletrônico Século XXI versão 3.0* (1999) conta com 345 mil verbetes. Já o *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa versão 1.0* (2001) conta com aproximadamente 228.500 unidades léxicas. Houve disparidade entre os dicionários: das aproximadamente 652 unidades registradas pelo Aurélio, apenas 409 eram comuns às 1072 unidades registradas pelo Houaiss como provenientes da língua inglesa.

⁶ Termos da Biotecnologia.

emprestada. Com essa segunda acepção, entramos numa polêmica, qual seja, a variação terminológica para referir-se à palavra estrangeira que passa a ser utilizada em outro idioma: empréstimo, estrangeirismo, exotismo, peregrinismo, xenismo, alógeno, alienígena, barbarismo, palavra estrangeira. Em relação a essa variação terminológica, não há consenso entre os estudiosos. Para uns, tais termos são sinônimos; para outros, há diferenças entre eles. A seguir, apresentamos as propostas de vários autores.

Guilbert (1975, p. 92-93) classifica as fases do neologismo por empréstimo em: (i) xenismo: termo introduzido na língua receptora, remetendo a um significado próprio que só existe na língua importada; é empregado para dar um ar exótico ao texto; (ii) peregrinismo: fase equivalente ao primeiro momento da adoção neológica; é a fase de instalação do novo termo; (iii) empréstimo: a fase em que o termo é largamente usado pelos falantes da língua importadora.

Barbosa (2001, p. 42) trata de quatro fases do neologismo por empréstimo: (i) palavra estrangeira: aparece apenas no discurso em que é empregada; (ii) peregrinismo: primeira fase de inserção de forma estrangeira; (iii) xenismo: forma estrangeira que apresenta aumento de frequência, mas ainda não sofreu adaptações; (iv) empréstimo: forma estrangeira que se torna frequente e sofre adaptações.

Por sua vez, Carvalho (2009, p. 56) apresenta fases semelhantes, mas substituindo “peregrinismo” por “estrangeirismo”: (i) palavra estrangeira: existente na língua A; (ii) estrangeirismo: palavra usada na língua B; (iii) empréstimo: adaptação de qualquer tipo na língua B; (iv) xenismo: ausência de adaptação para a língua B, apesar da alta frequência de uso.

Apesar dos termos preditos, o conflito maior reside nos termos “empréstimo” e “estrangeirismo”. Em geral, as definições mais comuns apresentam o estrangeirismo como palavra estrangeira não adaptada à língua receptora, usada na sua forma original. Empréstimo, por sua vez, é a palavra de origem estrangeira já adaptada à língua receptora.

Contudo, a diferença não é posta de forma tão simples. Vejamos as definições e o embate. Primeiro, com a voz legitimadora dos dicionários, tanto os monolíngues gerais quanto os terminográficos de linguística; em seguida, com a visão dos próprios linguistas.

Em Ferreira (2010, s.v. *empréstimo e estrangeirismo*), estrangeirismo é uma forma estrangeira; empréstimo, a formação vocabular de origem estrangeira introduzida

no léxico de uma língua, podendo apresentar: (i) importação do termo (*blush*), (ii) formação híbrida (*sulipa*), (iii) como um calque (*arranha-céu*, de *skyscraper*) ou (iv) adoção do significado de termo fonologicamente semelhante em outra língua (“realizar” no sentido de “compreender”, do ingl. *realise*).

No Houaiss (2009, s.v. *empréstimo* e *estrangeirismo*), empréstimo é a “incorporação ao léxico de uma língua de um termo pertencente a outra língua”, seja por reprodução do termo sem alteração de pronúncia ou grafia (*know-how*), seja por adaptação fonológica e ortográfica (*garçom*, *futebol*). Estrangeirismo é a “palavra ou expressão estrangeira usada num texto em vernáculo, tomada como tal e não incorporada ao léxico da língua receptora”. Houaiss ainda coloca como sinônimos de estrangeirismo os termos peregrinismo e xenismo.

Aulete (2011, p. 542) define empréstimo como “inclusão de vocábulo de outra língua no vocabulário da língua vernácula (p. ex.: *checkup*, *shopping*, *download* etc.)” e estrangeirismo como “emprego de frase, ou palavra, ou construção sintática estrangeira” (p. 615).

Em Michaelis (2015, s.v. *empréstimo* e *estrangeirismo*), empréstimo é a “incorporação de palavra de uma língua estrangeira ao léxico de uma outra língua, geralmente com acomodação fonológica e ortográfica, como, por exemplo, *beef/bife*, *chauffeur/chofer*”. Estrangeirismo é “palavra ou expressão estrangeira, ainda não integrada ao sistema linguístico receptor...”. Tem como sinônimos peregrinismo e xenismo.

Sacconi (2010) define empréstimo como “termo integrado numa língua, proveniente de outra, como *futebol* (ingl.) e *detalhe* (fr.), em português.” (p. 759, grifo do autor). Estrangeirismo, “cada uma das palavras, expressões ou construções estranhas ao vernáculo (p. ex.: *pizza*, *réveillon*, *diesel*, *quibe*, *catchup*, *repetir de ano*, *jogar de goleiro*, *topless*, *abajur*, *show*, *piano*, *estória*, *bidê*).” (p. 873, grifo do autor). Pelos exemplos dados pelo autor, pode-se gerar certa confusão: formas aportuguesadas são tanto empréstimo quanto estrangeirismo?

Bechara (2011, p. 558) não contempla no verbete “empréstimo” o caráter linguístico, apenas o uso geral da palavra: ato de emprestar algo. Em “estrangeirismo” (p. 610), define: “uso de palavra ou expressão estrangeira.”

Em Borba (2011), o verbete “empréstimo” apresenta duas acepções, processo e palavra: “incorporação de palavra estrangeira a outra língua” e “palavra estrangeira que

se incorpora a outra língua: o verbo ‘clicar’ é um empréstimo do inglês” (p. 481). Já o termo estrangeirismo é assim definido: “palavra ou frase estrangeira” (p. 561).

Como podemos perceber, nos dicionários gerais, com exceção de Borba (2011) e Sacconi (2010), empréstimo é concebido como processo, e estrangeirismo, forma estrangeira não adaptada graficamente. Passemos, em seguida, a observar o que dizem os dicionários especializados.

Para se referir ao fenômeno do empréstimo, Hartmann e James (2001) registram três verbetes principais⁷: *borrowing* (empréstimo), *loan-word* (palavra emprestada) e *foreignism* (estrangeirismo ou forma estrangeira)⁸. Os autores diferenciam, portanto, o termo “empréstimo” como um processo (*borrowing*) e a própria palavra emprestada (*loan-word*). Esta seria “uma palavra ou frase que é resultado do empréstimo, e que não foi totalmente assimilada à língua receptora.” (p. 89, tradução nossa)⁹. Ao passo que estrangeirismo ou forma estrangeira (*foreignism*) é definido como “uma palavra ou frase que foi copiada e transferida de uma língua à outra, mas não foi ainda assimilada totalmente, sendo apresentada em itálico.” (p. 58). Os autores afirmam também que “às vezes os puristas consideram as formas estrangeiras uma contaminação prejudicial.” (p. 58)¹⁰.

Dubois *et al.* (2007) não contemplam o termo “estrangeirismo”, apenas “empréstimo”, considerando-o “quando um falar A usa e acaba por integrar uma unidade ou traço linguístico que existia precedentemente num falar B e que A não possuía.” (p. 209). Completam sua proposta dizendo que a palavra tomada de empréstimo comporta graus diversos de integração, que vão desde a reprodução da palavra “quase como se pronuncia” na língua de partida (pressupondo um bilinguismo) até à integração total, como em “futebol”, do inglês *football*. (p. 210-1). Cabe destacar que os autores fazem uma importante ressalva quando falam da pronúncia da palavra importada: “em geral, mesmo nesse caso, há assimilação dos fonemas da língua B aos

⁷ Usamos o adjetivo “principais” porque não são exclusivos no tocante ao fenômeno do empréstimo. Os autores apresentam outros, que seriam “secundários”, como variantes e termos relacionados: *barbarism*, *foreign language*, *foreign word*, *loan translation*.

⁸ O mesmo procedimento da tripartição é adotado por Almeida Filho e Schmitz (1998, p. 44 e 48): o processo de empréstimo (*borrowing*), a palavra emprestada (*loan*) e a forma estrangeira (*foreign term*).

⁹ “A word or phrase which is the result of BORROWING, and which has not been fully assimilated into the NATIVE VOCABULARY.” (HARTMANN; JAMES, 2001, p. 89, grifo dos autores).

¹⁰ “A word or frase which has been copied and transferred from one language to another, but is not yet fully ‘assimilated’, and is often presented (in English texts) in italics. Sometimes purists deprecate foreignisms as unhealthy contamination, e.g. *franglais* expressions in French or *Fremdwörter* ‘foreign words’ in German.” (HARTMANN; JAMES, 2001, p. 58, grifo dos autores).

fonemas mais próximos da língua A.” (p. 210). Essa adaptação fonético-fonológica será discutida mais à frente. Portanto, para Dubois *et al.* (2007), empréstimo pode ser definido como um processo de integração de forma adaptada ou não. Além disso, no verbete “decalque”, diferenciam decalque (tradução) do “empréstimo propriamente dito, em que o termo estrangeiro é integrado tal qual à língua que o toma emprestado” (p. 165).

Câmara Júnior (1996, p. 111) define estrangeirismo como “os empréstimos vocabulares não integrados na língua nacional, revelando-se estrangeiros nos fonemas, na flexão e até na grafia...”. No verbete “empréstimos”, define como um processo, distinguindo empréstimos internos e externos. Os empréstimos internos ocorrem quando traços peculiares de um dialeto passam a outro dialeto. Nos empréstimos externos (entre línguas), podem ocorrer empréstimos de fonemas, de afixos, de desinências, de vocábulos e de construções, sendo o mais comum o de vocábulos: “um radical estrangeiro se adapta à fonologia e à estruturação morfológica da língua importadora.” (p. 105). Embora Câmara Júnior fale de adaptação fonológica, seus exemplos mostram que ele não considera a pronúncia, apenas a grafia: de /x/ para /f/ (aráb. “al-xajjât” para alfaiate). Com isso, empréstimo deve ser entendido, segundo Câmara Júnior, como uma importação de traços de outra língua adaptados à língua importadora.

Depois de passar pelas definições nos dicionários gerais e especializados, vejamos as concepções de outros linguistas.

Xatara (1992, p. 106) considera como verdadeiro estrangeirismo aquele termo que não apresenta nenhum tipo de adaptação na língua de chegada. Já o empréstimo pode ser de dois tipos: parcial (só apresenta adaptação fonológica) ou total (adaptação gráfica). Em Cunha (2003, p. 5), estrangeirismo é “aquela palavra que proveio de uma língua estrangeira (palavra esta que não pertence, portanto, ao nosso patrimônio latino) e que foi introduzida em português e nele perfeitamente adaptada”: *gazetilha* (castelhano), *corbelha* (francês), *maestro* (italiano), *futebol* (inglês), *tatu* (tupi), *quilombo*, (quimbundo) *alfaiate* (árabe), *catre* (tamul), *chá* (chinês) e *bonzo* (japonês). Por outro lado, considera palavra estrangeira aquela que, embora muito usada, ainda não foi completamente adaptada ao idioma. (p. 6). Garcez e Zilles (2004, p. 15) definem estrangeirismo como “o emprego, na língua de uma comunidade, de elementos oriundos de outras línguas. No caso brasileiro, posto simplesmente, seria o uso de palavras e expressões estrangeiras no português.” Prado (2006, p. 38) diz que estrangeirismos são

“todas as unidades que ainda não sofreram adaptação ao português, ou seja, são registradas em sua forma de origem”. E “o emprego frequente de um determinado termo estrangeiro é um dos critérios que fazem com que esse estrangeirismo se torne um empréstimo” (2006, p. 37). Para Torrano (2010, p. 21-2), “é estrangeirismo o elemento percebido como não pertencente ao sistema linguístico do falante de língua portuguesa, sendo empréstimo o elemento estrangeiro integrado ao português, geralmente depois de passar por processos de adaptação à língua portuguesa”. Jesus (2012, p. 113) considera estrangeirismo “qualquer termo proveniente de um idioma estrangeiro e que, quando assimilado pelos falantes da língua receptora, torna-se um empréstimo”. Valadares (2013, p. 40-1) propõe uma definição apenas para estrangeirismos: “são palavras, efetivamente, provenientes de outro sistema linguístico que são tomadas por empréstimo para suprir alguma necessidade de associar um significado a um significante na língua que os toma emprestados...”. Por fim, Viaro e Bizzocchi (2016, p. 590) falam de “estrangeirismos nacionalizados” (*futebol, abacaxi*) e “estrangeirismos não nacionalizados (*pizza, bonbonnière*).

Depois dessa exposição, passando dos dicionários às concepções de linguistas – além de mostrar o quanto é complexa e não consensual a definição dos termos que envolvem o fenômeno da relação interlingual –, três conceitos (aqui entendido “conceito” como a relação entre plano de expressão e plano de conteúdo) resumem a discussão: (i) empréstimo como processo de tomada de palavras, expressões ou construções de outra língua; (ii) empréstimo como a palavra, a expressão ou a construção tomada de outra língua; (iii) estrangeirismo como a forma estrangeira da língua de partida usada na língua receptora.

Apesar dessa concepção tripartida que perpassa as definições arroladas acima – que, aliás, fica muito clara no dicionário de uso de Borba (2011, p. 481 e p. 561) –, os estudos no âmbito da Lexicologia costumam polarizar a discussão, apesar da variação de termos, conforme vimos, em torno de dois pares: estrangeirismo *versus* empréstimo; ou palavra estrangeira *versus* estrangeirismo. As definições mais comuns atribuem aos pares, respectivamente, as ideias de palavra estrangeira não adaptada à língua receptora e de palavra de origem estrangeira já adaptada à língua receptora.

Diante desse conflito – seja bipartido, seja tripartido –, o que salta à vista, *grosso modo*, é a oposição entre forma não adaptada e forma adaptada ao português. O que implica o debate, portanto, é a ideia de adaptação (termos sinônimos: acomodação,

integração, assimilação, naturalização, nativização, aclimatação e aportuguesamento – este último para o português especificamente). Ora, adaptar é “encaixar ou ajustar uma coisa a outra.” (MICHAELIS, 2015, s.v. *adaptar*). O caso específico da adaptação linguística pressupõe processos sofridos por uma palavra para se adequar aos padrões da língua receptora: adaptações gráficas, semânticas e também fonético-fonológicas.

Porém, conforme ressalta Assis (2007, p. 205), os autores, em sua maioria, consideram apenas o aspecto gráfico ou semântico para estabelecer o grau de adaptação da palavra, e não as adaptações na pronúncia (nível fonético-fonológico). Poucos são os trabalhos que tratam das adaptações fonológicas dos empréstimos. Alguns apenas mencionam, sem tratarem do tema, como Dubois *et al.* (2007) e Xatara (1992). Outros estudam o fenômeno propriamente dito, como Freitas (1992), Freitas e Neiva (2006) e Assis (2007). Câmara Júnior (1996, p. 105), por exemplo, quando fala de adaptação fonológica, exemplifica por meio da grafia: de /x/ para /f/ (do aráb. “al-xajjât” para alfaiate). Assis (2007), no entanto, revela, ao estudar as adaptações fonológicas na pronúncia de estrangeirismos do inglês por falantes de português brasileiro, que o primeiro nível de adaptação das formas estrangeiras é o fonético-fonológico. Adaptações gráficas posteriores comprovam que a adaptação no nível fonológico já foi consolidada: *clube* (ingl. *club*), *checape* (ingl. *check-up*), *estresse* (ingl. *stress*), *iate* (ingl. *yatch*), *golfe* (ingl. *golf*).

Quadro 1: Comparação entre as transcrições fonológicas e padrões silábicos dos anglicismos conforme a pronúncia na língua de origem (IA: inglês americano) e de acordo com a realização dos sujeitos nas gravações.

Estrangeirismos selecionados do corpus (ortografia)	Transcrição fonológica do IA	Padrão silábico do IA	Transcrição fonológica do PB	Padrão silábico do PB
<i>download</i>	/ˈdawn.ləʊd/	CVVC.CVVC	/dawn.ləʊ.di/	CVCC.CVV.CV
<i>fast-food</i>	/ˈfæst.ˈfuːd/	CVCC.CVC	/fɛs.ti.ˈfɪ.di/	CVC.CV.CV.CV
<i>stress</i>	/ˈstres/	CCCVC	/iS.ˈtreS/	CC.CVC

Fonte: adaptado de Assis (2007, p. 146)

Os falantes brasileiros usam a estrutura fonológica do português para pronunciar as palavras estrangeiras. No caso de *download*, ocorre ressilabação ou ressilabificação (alteração da estrutura silábica) e hiperbissismo (deslocamento do acento tônico): de

duas para três sílabas, com alteração da tonicidade. Em *stress* e *fast-food*, além da alteração silábica, com conseqüente deslocamento acentual, há epêntese (inserção de fonema) da vogal /i/ para desfazer uma estrutura mal formada e para preencher os vazios não tolerados pelo sistema fonotático do português:

Quadro 2: Padrão silábico permitido no PB.

Ataque		Núcleo			Coda
/p/	/t/	/y, w/	/a/	/y, w/	/R/
/b/	/l/		/e/		/S/
/v/			/ɛ/		/L/
/d/			/i/		/N/
/k/			/o/		
/g/			/ɔ/		
/f/			/u/		ou
/v/			/ã/		
/s/			/ê/		
/z/			/í/		/RS/
/ʃ/			/õ/		/NS/
/ʒ/			/ü/		
/l/					
/ʎ/					
/R/					
/m/					
/n/					
/ɲ/					

c¹ c² v v v c¹ c²

Fonte: elaboração própria

Conforme o padrão silábico do português, a segunda posição do ataque complexo (C2) só pode ser preenchida pelas consoantes líquidas: a lateral /l/ e o rótico (tepe) /r/. A palavra “stress”, portanto, não contempla essa regra. Por isso, o falante acrescenta intuitivamente, com o conhecimento internalizado de língua, a vogal /i/, ressilabificando a palavra: de /'stress/ para /iS.'treS/¹¹. A epêntese ocorre também ao final¹², quando há o travamento silábico por segmentos proibidos na coda em português: de *film* para film[i]. Como ressalta Freitas (1992, p. 76), a epêntese vocálica é um

¹¹ Para indicar neutralização das variantes (alofones) em final de sílaba, usamos o arquifonema, grafado em maiúsculo, na transcrição fonológica, que indica a estrutura sonora abstrata da língua. Na transcrição fonética (que apresenta todas as particularidades da articulação da fala humana, portanto os aspectos físicos e reais), o arquifonema não é usado. No lugar dele aparecem os alofones (variantes de fonema).

¹² Há três processos fonético-fonológicos de adição de segmentos sonoros: (i) prótese (ou prótese): inserção de segmento no início da palavra (lembrar e lembrar); (ii) epêntese (“epi”=sobre + “en”=em + “tese”=posição): inserção de segmento no meio da palavra (mês > ['meIs]); (iii) paragoge (ou epítese): inserção de segmento ao final da palavra (top > ['tɔ.pI]). Além dessa tripartição terminológica, costumam adotar os seguintes termos: epêntese interna ou externa (no início e no final) ou epêntese inicial, epêntese medial e epêntese final.

procedimento da nativização de empréstimo.

Freitas e Neiva (2006) revelam que os falantes, em situação de empréstimo ou de aquisição de língua estrangeira, usam duas estratégias de adaptação de palavras do inglês ao português: epêntese de vogal ou supressão de consoante:

Quadro 3: Exemplos de adaptações de pronúncia.

	<i>GenAm</i>	Aprendiz
<i>worlds</i>	[wɜːrldz]	[wɜːrs]
<i>effects</i>	[ɪˈfɛkts]	[iˈfɛks]
<i>last feature</i>	[læst ˈfi:tʃər]	[lasfítʃor]
<i>towards</i>	[ˈtɔːrdz]~[twɔːrdz] ¹⁰	[taˈwars]

Supressão de consoantes

	<i>GenAm</i>	Aprendiz
<i>tasks</i>	[tæskz]	[tɛskis]

Inserção de vogal

Fonte: Freitas e Neiva (2006, p. 15)

Segundo Freitas e Neiva (2006, p. 17), uma forma só poderá ser considerada como incorporada à língua receptora se seu uso não está mais restrito a falantes bilíngues, ou seja, quando incorporada ao vocabulário de domínio de falantes que desconhecem ou não dominam a língua de origem da forma estrangeira.

Ora, do ponto de vista da maioria, por assim dizer, somente seria estrangeirismo o termo que conservasse todos os aspectos da língua de partida (a pronúncia, a grafia, o sentido). Como, no entanto, o nível fonético-fonológico da pronúncia é o primeiro nível de adaptação por que passam as palavras estrangeiras, “os tão criticados estrangeirismos já são palavras portuguesas (ou melhor, do PB).” (ASSIS, 2007, p. 207).

Com essa ressalva, de que o primeiro nível de adaptação é o fonético-fonológico, seria mais coerente apresentar as seguintes definições: estrangeirismo é palavra de origem estrangeira “não adaptada graficamente” ao português; empréstimo, palavra de origem estrangeira “adaptada graficamente” ao português.

Talvez a antinomia desses dois termos, mesmo que redefinidos, ainda enseje algum problema. Viaro e Bizzocchi (2016, p. 590), como mencionado acima, falam de estrangeirismos “nacionalizados” e “não nacionalizados”. Manzolillo (2013, p. 437), para evitar a vaguidão e a pejoratividade do emprego do termo “estrangeirismo”, propõe

a existência de duas categorias de empréstimo: os adaptados e os não adaptados. Essa simplificação, no entanto, nega o que já foi comprovado acima, da adaptação de pronúncia, ou seja, sempre haverá, do ponto de vista fonético-fonológico, adaptação no falante não bilíngue ou mesmo no bilíngue, já que este provavelmente vai aplicar “a ‘lei do menor esforço’, evitando a mudança constante de código”, como observa Freitas e Neiva (2006, p. 17).

Para encerrar, por ora, esse debate – afinal, sendo um tema polêmico, é custoso concluí-lo plenamente –, propomos, em vez do par *estrangeirismo* e *empréstimo*, os seguintes termos para a unidade importada: “empréstimo não adaptado graficamente” (*e-mail*, *shopping*) e “empréstimo adaptado graficamente” (*estresse*, *becape*). Empregar apenas “empréstimo” (termo neutro e genérico) significa fugir às conotações de “estrangeirismo”. O complemento “adaptado ou não graficamente” serve para contemplar a versão tradicional – que se refere apenas à adaptação gráfica ou ortográfica – sem se esquecer do aspecto prosódico da pronúncia, afinal, toda importação de unidade lexical, ainda que imperceptível à maioria dos falantes, sofre algum tipo de adaptação.

3 Tipos de empréstimo lexical

No processo de empréstimo linguístico, a palavra estrangeira pode ser usada na língua receptora de diversas maneiras. Assim, depois de propor os termos acima – “empréstimo não adaptado graficamente” e “empréstimo adaptado graficamente” –, podemos com eles elencar os cinco tipos de importação lexical: empréstimo não adaptado graficamente, empréstimo adaptado graficamente, empréstimo traduzido, empréstimo semiadaptado graficamente e empréstimo de sentido.

a) empréstimo não adaptado graficamente

Quando a língua receptora usa a forma original da língua importada sem adaptação gráfica. Ex.: *best-seller*, *check-up*, *know-how*, *merchandising*, *showroom*. Na incorporação, a palavra pode sofrer alteração semântica. Em *shopping*, de “ato de fazer compra” para “espaço recreativo de compras”; *outdoor*: do adjetivo “promovido ao ar livre” para “painel publicitário”. A aceitação de formas estrangeiras varia muito nos

países. A França, por exemplo, é sabidamente um país que prioriza seu idioma e abomina palavras estrangeiras. No Brasil, o cenário é bem diferente, sendo comum um uso exagerado, sobretudo do inglês. Aliás, o Brasil reage de maneira diferente de Portugal. Usar uma palavra estrangeira pode muitas vezes dar *status* ao brasileiro, ao passo que o português busca traduzir as expressões. No Brasil, o telefone móvel é chamado “celular”; em Portugal, “telemóvel”.

b) empréstimo adaptado graficamente

Quando a forma estrangeira sofre alteração para se adaptar à ortografia da língua receptora. Esse processo também é chamado de adaptação, aclimatação, naturalização, nativização ou aportuguesamento. Exemplos: *estresse* (do ingl. *stress*), *lasanha* (do it. *lasagna*), *xampu* (do ingl. *shampoo*), *boate* (do fr. *boîte*). Muitas adaptações populares (sobretudo em cartazes e fachadas) se tornam cômicas: de *tupperware* por “tapoé”; de *Big Brother* por “big brod”; de *lanrouse* por “lã rause”. As formas estrangeiras e suas adaptações ao idioma é um assunto que compete à Grafonomia, Grafemática ou Grafêmica, disciplina que estuda o sistema gráfico de uma língua (sistemas de escrita), relacionando escrita e sistema fonológico.

c) empréstimo traduzido

É a tradução literal de forma estrangeira. Também chamada de calque ou decalque (do fr. *décalque* = copiar) ou (do fr. *décalque* = cópia, imitação). Ex.: *fim de semana* (do ingl. *weekend*), *puro-sangue* (do fr. *pur-sang*), *visão de mundo* (do al. *Weltanschauung*), *couve-flor* (do it. *cavolfiore*), *cachorro-quente* (do ingl. *hot dog*).

d) empréstimo semiadaptado graficamente

Quando numa mesma palavra aparecem morfemas estrangeiros e vernáculos. Exemplos: *showmício* (*show* + *comício*), *showzaço* (*show* + sufixo *-aço*), *pizzaria* (*pizza* + sufixo *-aria*), *lobista* (*lobby* + sufixo *-ista*), *jazzófilo* (*jazz* + interfixo *-o-* + radical *filo*).

Esse é um tipo de formação de palavra que a gramática denomina “forma

híbrida” ou “hibridismo”: “formação de palavras, por derivação ou por composição, a partir de elementos (radicais e afixos) provindos de línguas diferentes.” (MESQUITA, 2014, p. 179). O termo “hibridismo” nos remete aos exemplos comumente dados pela gramática: *alcoômetro* (árabe e grego), *burocracia* (francês e grego), *sociologia* (latim e grego). Esses exemplos que apresentam radicais clássicos ou eruditos (latinismos e helenismos, sobretudo encontros na segunda posição, como -logo, -grafo, -filo), que funcionam apenas como forma presa¹³, trazem à baila algumas questões polêmicas entre os morfólogos: tais radicais são afixos ou radicais? Provocam derivação ou composição? Como explicar a distribuição móvel deles (*germanófilo* e *filogermânico*, *logomania* e *psicólogo*, *fotógrafo* e *grafema*)? A análise morfológica deve ser sincrônica ou diacrônica?

e) empréstimo de sentido

Emprestar sentido usado em forma estrangeira. É um tipo de empréstimo pouco frequente. Isso ocorre, por exemplo, no uso no verbo “salvar” no sentido de “gravar” (do ingl. *save* = gravar): “vamos salvar o arquivo na pasta”; e no verbo “realizar” no sentido de “compreender” (do ingl. *realize/realise*: “conseguiu realizar o mistério”).

Para finalizar

Vimos que no processo interlingual ou alogênico do empréstimo linguístico não há consenso para conceituar a palavra estrangeira que entra em outro idioma. São vários termos: empréstimo, estrangeirismo, exotismo, peregrinismo, xenismo, alógeno, alienígena, barbarismo, palavra estrangeira, entre outros. Tampouco para definir o que é uma forma adaptada, normalmente considerada apenas no aspecto gráfico ou semântico, ignorando as adaptações de pronúncia no nível fonético-fonológico.

Diante disso, apresentamos os seguintes conceitos: “empréstimo não adaptado graficamente” (*e-mail*, *shopping*) e “empréstimo adaptado graficamente” (estresse, *becape*). Empregando apenas “empréstimo” (termo neutro e genérico), fugimos às

¹³ Há três tipos de formas morfológicas: (i) forma livre: pode funcionar isoladamente no enunciado (gato, árvore, etc.); (ii) forma presa: só funciona ligada à outra (radicais, afixos e desinências); (iii) forma dependente: artigo, preposições, pronome átono, etc.

conotações de “estrangeirismo”; e o complemento “adaptado ou não graficamente”, para contemplar a versão tradicional (que se refere apenas à adaptação gráfica) sem se esquecer do aspecto fonético-fonológico da pronúncia.

Além disso, elencamos cinco tipos de empréstimo lexical: forma não adaptada graficamente, forma adaptada graficamente, forma traduzida, forma semiadaptada graficamente e importação de sentido.

Referências

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de; SCHMITZ, John Robert. *Glossário de linguística aplicada: português-inglês/inglês-português*. Campinas: Pontes, 1998. 265p

ASSIS, Ana Beatriz Gonçalves de. *Adaptações fonológicas na pronúncia de estrangeirismos do Inglês por falantes de Português Brasileiro*. 2007. 266 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 2007.

AULETE, Caldas. *Novíssimo Aulete: dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Organizador Paulo Geiger. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011. 1488 p.

BARBOSA, Maria Aparecida. Da neologia à neologia na literatura. In: OLIVEIRA, Ana Maria P. Pires; ISQUERDO, Aparecida Negri; (orgs.). *As ciências do léxico*. 2 ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001, p. 33-51.

BECHARA, Evanildo. *Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. 1183 p. [51.210 entradas]

BORBA, Francisco da Silva. (org.). *Dicionário UNESP do português contemporâneo*. Curitiba: Piá, 2011. 1488 p.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática*. 17 ed. Petrópolis: Vozes, 1996. 262 p.

CARVALHO, Nelly Medeiros de. *Empréstimos linguísticos na língua portuguesa*. São Paulo: Cortez, 2009.

CAVALIERE, R. Duas observações sobre o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa. In: AZEVEDO FILHO, L. A. de; RODRIGUES, M. M. (Orgs.). *Congresso Internacional de Lexicografia e Literaturas no Mundo Lusofônico*, Rio de Janeiro: Ágora da Ilha, 2002. p. 275-282.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Os estrangeirismos da língua portuguesa: vocabulário histórico-etimológico*. São Paulo: Humanitas; FFLCH/USP, 2003.

DUBOIS, Jean *et al.* *Dicionário de Linguística*. Trad. Frederico Pessoa de Barros *et al.*

15. ed. São Paulo: Cultrix, 2007 [1973]. 653 p.

FARACO, Carlos Alberto. Quais os critérios que deveriam orientar os lexicógrafos na inserção de estrangeirismos em dicionários gerais? In: XATARA, C.; BEVILACQUA, C.; HUMBLÉ, P. (orgs.) *Dicionários na teoria e na prática*. São Paulo: Parábola, 2011. p. 63-65.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio: o dicionário da língua portuguesa, século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

_____. *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Coordenação Marina Baird Ferreira, Margarida dos Anjos. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010. 2272 p.

FREITAS, Myrian Azevedo de. Empréstimos, teoria auto-segmental e abertura vocálica. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, n. 23. Campinas: 1992, p. 71-81.

FREITAS, Myrian Azevedo de; NEIVA, Aurora M. S. Estruturação silábica e processos fonológicos no inglês e no português: empréstimos e aquisição. *ReVEL*, Vol. 4, n. 7, agosto de 2006.

GARCEZ, Pedro M; ZILLES, Ana Maria S. Estrangeirismos: desejos e ameaças. In: FARACO, Carlos A. (Org.). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Parábola, 2004. p. 15-36.

GUILBERT, Louis. *La créativité lexicale*. Paris: Larousse, 1975. 285 p.

HARTMANN, R. R. K.; JAMES, Gregory. *Dictionary of Lexicography*. London/New York: Routledge, 2001. 176 p.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa [DEHLP]*. Versão 3.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 2922 p.

JESUS, Ana Maria Ribeiro de. Empréstimos, tradução e uso na prática terminológica. *TradTerm*, São Paulo, v. 20, dezembro/2012, p. 111-128.

LEITÃO, Isabela Custódio. *Anglicismos no Português do Brasil: um estudo lexicográfico Aurélio-Houaiss*. 2006. 140 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2006.

MANZOLILLO, Vito. Empréstimos e estrangeirismos: confrontos e contrastes. *Philologus*, Rio de Janeiro, ano 19, n. 57, suplemento. Anais da VIII CiFEFiL, set./dez. 2013, p. 435-445.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis. One language among many, many languages in one: monolingualism, linguistic prejudice and language policy in Brazil. *Revista da Anpoll*.

Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística. Campinas-SP, n. 20, p. 63-84, jan./jun. 2006.

MESQUITA, Roberto Melo. *Gramática da língua portuguesa*. 11. ed. São Paulo: Saraiva, 2014. 752 p.

MICHAELIS. *Dicionário brasileiro da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>

MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia portuguesa*. 4 ed. Campinas: Pontes, 2002.

PRADO, Daniela de Faria. *Uma análise das inserções dos empréstimos linguísticos da área da informática no Dicionário Aurélio XXI*. 2006. 138 f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Instituto de Letras, Universidade Federal de Uberlândia, 2006.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Estruturas morfológicas do português*. 2 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008. 236 p.

SACCONI, Luiz Antônio. *Grande dicionário Sacconi da língua portuguesa*. São Paulo: Nova Geração, 2010. 2088 p.

TORRANO, Sandra Delneri Petean. *Produtividade e criatividade do léxico: os neologismos na área da informática*. 2010. 123 f. Dissertação (Mestrado em Filologia e língua portuguesa). Universidade de São Paulo, 2010.

VALADARES, Flávio Biasutti. *Uso de estrangeirismos no Português Brasileiro: variação e mudança linguística*. 2013. 190 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – PUC/SP, São Paulo, 2013.

VIARO, Mário Eduardo; BIZZOCCHI, Aldo Luiz. Proposta de novos conceitos e uma nova notação na formulação de proposições e discussões etimológicas. *Alfa*, São Paulo, 60 (3), p. 579-601, 2016.

XATARA, Cláudia Maria. Empréstimos, estrangeirismos e suas medidas. *Alfa*, v. 36. São Paulo, p. 99-109, 1992.